

SINCLAIR LEWIS

Não vai acontecer aqui

TRADUÇÃO

Cássio de Arantes Leite

ALFAGUARA



Copyright © 1935 by Sinclair Lewis

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

It Can't Happen Here

Capa

Carlos Di Celio

Foto de capa

Rafael Di Celio

Preparação

André Marinho

Revisão

Clara Diament

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lewis, Sinclair, 1885-1951

Não vai acontecer aqui / Sinclair Lewis; tradução
Cássio de Arantes Leite. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Al-
faguara, 2017.

Título original: It Can't Happen Here.

ISBN 978-85-5652-052-4

1. Ficção norte-americana 1. Título.

17-06889

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

twitter.com/alfaguara_br

1

O vistoso salão do hotel Wessex, com seus escudos dourados de gesso e o mural retratando as Green Mountains, fora reservado para o Jantar das Senhoras do Rotary Club de Fort Beulah.

Ali em Vermont o evento não era tão pitoresco como teria sido nas pradarias do Oeste. Ah, tinha seus pontos altos: havia aquele diálogo cômico em que Medary Cole (moleiro e comerciante de rações) e Louis Rotenstern (dono de uma alfaiataria e lavanderia) anunciavam ser os históricos vermonteses Brigham Young e Joseph Smith,* e com suas piadas sobre esposas plurais imaginárias conseguiram direcionar inúmeras e divertidas cutucadas às mulheres presentes. Mas a ocasião era essencialmente séria. Toda a América estava séria agora, após os sete anos de depressão desde 1929. Pouco tempo havia se passado desde a Grande Guerra de 1914-8, só o suficiente para que os jovens nascidos em 1917 se preparassem para ir à faculdade... ou a alguma outra guerra, praticamente qualquer guerrazinha que pudesse vir a calhar.

As apresentações dessa noite entre os rotarianos não tinham nada de divertidas, pelo menos, não obviamente, pois eram os discursos patrióticos do general de brigada Herbert Y. Edgeways, Estados Unidos (ref.), que tratava raivosamente do tema da “Paz por meio da defesa: Milhões para armas mas nem um centavo para tributo”, e da sra. Adelaide Tarr Gimmitch — menos renomada por sua galante campanha antissufragio em 1919 do que por ter, durante a Grande Guerra, mantido os soldados americanos à distância dos cafés franceses mediante a astuciosa manobra de lhes enviar dez mil jogos de dominó.

Tampouco poderia qualquer patriota com consciência social menosprezar o recente, mas de certo modo desconsiderado, esforço dela

* Mórmons pioneiros (logo, adeptos da poligamia). (N. T.)

em manter a pureza do Lar Americano banindo da indústria cinematográfica todas as pessoas, atores, diretores ou cinegrafistas, que tivessem: (a) passado por um divórcio; (b) nascido em país estrangeiro — com exceção da Grã-Bretanha, uma vez que a sra. Gimmitch tinha a rainha Maria em alta conta; ou (c) recusado fazer o juramento em homenagem à Bandeira, à Constituição, à Bíblia e a todas as demais instituições peculiarmente americanas.

O Jantar Anual das Senhoras era uma reunião das mais respeitáveis — a fina-flor de Fort Beulah. A maioria das mulheres e mais da metade dos cavalheiros vestiam traje de gala, e dizia-se à boca pequena que antes do banquete serviram-se coquetéis ao círculo íntimo no quarto 289 do hotel. As mesas, dispostas em três lados de um quadrado vazio, brilhavam com velas, travessas de vidro trabalhado contendo doces e amêndoas um pouco duras, estatuetas do Mickey Mouse, rodas do Rotary de latão e pequenas bandeiras americanas de seda enfiadas em ovos cozidos dourados. Na parede via-se uma faixa com os dizeres SERVICE BEFORE SELF [“O Exército antes do indivíduo”, em tradução livre], e o cardápio — aipo, creme de tomate, hadoque grelhado, croquetes de frango, ervilhas e sorvete de tutti frutti — fazia jus aos mais elevados padrões do hotel Wessex.

Todos escutavam, boquiabertos. O general Edgeways finalizava sua exortação viril porém mística do nacionalismo.

“[...] pois estes Estados Unidos, os únicos dentre as grandes potências, não têm desejo de conquista no exterior. Nossa ambição mais elevada, com mil diabos, é sermos deixados em paz! Nossa única relação genuína com a Europa reside na árdua tarefa de tentar educar a massa grosseira e ignara que ela desembarcou aqui para que venha a se assemelhar de algum modo à imagem de cultura e boas maneiras americanas. Mas, como expliquei às senhoras, devemos estar preparados para defender nossa costa contra todos esses bandos estrangeiros de escroques internacionais que chamam a si mesmos de ‘governos’ e que com inveja febril estão sempre de olho em nossas minas inesgotáveis, nossas florestas altaneiras, nossas cidades titânicas e exuberantes, nossos campos belos e extensos.

“Pela primeira vez em toda a história, uma grande nação deve seguir se armando cada vez mais, não pela conquista — não por ciú-

me — não pela guerra — mas pela *paz*! Deus queira que nunca seja necessário, mas se as nações estrangeiras não derem ouvidos à nossa advertência, erguer-se-á, como quando os proverbiais dentes de dragão foram semeados, um guerreiro armado e destemido em cada palmo destes Estados Unidos, tão arduamente cultivado e defendido por nossos pais pioneiros, cuja imagem cingida por uma espada devemos emular... ou pereceremos!”

Um furacão de aplausos eclodiu. O “professor” Emil Staubmeyer, superintendente de escolas, levantou abruptamente e gritou: “Três vivas para o general — hip, hip, hurra!”.

Todos os rostos se voltaram radiantes para o general e o sr. Staubmeyer — todos menos uma dupla de ranzinzas senhoras pacifistas, além de um certo Doremus Jessup, editor do *Daily Informer* de Fort Beulah, considerado na região “um sujeito bastante inteligente, mas um pouco cínico”, que sussurrou para seu amigo, o reverendo sr. Falck, “Nossos pais pioneiros fizeram um serviço um tanto quanto sofrível em cultivar arduamente certos palmos do Arizona!”.

A glória culminante do jantar foi o discurso da sra. Adelaide Tarr Gimmitch, conhecida em todo o país como “a Garota dos Unkies”, porque durante a Grande Guerra fora a favor de chamar nossos rapazes nas Forças Expedicionárias Americanas de “Unkies”.* Ela não se limitara a lhes dar dominós; na verdade, sua primeira ideia fora muito mais criativa. Queria enviar a cada soldado no Front um canário na gaiola. E pensar no que aquilo teria significado para eles em termos de companhia e de evocação de lembranças do lar e de suas mães! Um lindo canarinho adorável! E vai saber — talvez pudessem ser treinados para caçar piolhos!

Empolgada com a ideia, obteve acesso à sala do quartel-mestregeneral, mas o oficial tacanho e autômato a repeliu (ou, na verdade, repeliu os pobres rapazes, tão solitários em meio à lama), murmurando covardemente qualquer tolice sobre não ter como transportar canários. Diz-se que seus olhos cuspiram fogo de verdade e que encarou o

* “Titio” (de *uncle*, “tio”), em referência a Uncle Sam. (N. T.)

milico caxias como uma Joana d’Arc quatro-olhos quando “Ihe disse poucas e boas que ele *nunca* esqueceu!”.

Naqueles bons e velhos tempos as mulheres tinham mesmo uma chance. Eram encorajadas a mandar os homens da família, ou de qualquer família, para a guerra. A sra. Gimmitch tratava todo soldado que conhecia — e cuidava de conhecer todos que se arriscavam a estar até duas quadras de onde ela morava — por “Meu filhinho querido”. Reza a lenda que cumprimentou assim um coronel dos fuzileiros que galgara à patente pelos próprios méritos e que respondeu, “Nós, filhinhos queridos, decerto temos ganhado um bocado de mães nos últimos tempos. Eu pessoalmente teria preferido bem mais umas patroas extras”. E reza a lenda ainda que ela não se deteve em seus comentários na ocasião, a não ser para tossir, por uma hora e dezessete minutos, segundo o relógio de pulso do coronel.

Mas nem todos os seus serviços restringiam-se a tempos pré-históricos. Já em 1935 dedicava-se a expurgar filmes e antes disso primeiro defendera e depois combatera a Lei Seca. Também fora (uma vez que o voto Ihe havia sido impingido) uma líder de comitê dos Republicanos em 1932 e enviava todo dia para o presidente Hoover um longo telegrama com seus conselhos.

E, embora infelizmente não tivesse filhos, era estimada como conferencista e escritora sobre o tema da Cultura Infantil e autora de um livro de rimas para crianças, incluindo o imortal dístico:

*All of the Roundies are resting in rows,
With roundy-roundies around their toes.**

Mas sempre, fosse em 1917, fosse em 1936, era membro renhido do Daughters of the American Revolution, as exclusivamente brancas filhas da revolução americana.

O DAR (refletiu o cínico Doremus Jessup nessa noite) é uma organização um pouco confusa — tão confusa quanto a teosofia, a

* Aliteração sem sentido: “Todos os ‘Redondinhos’ descansam em fileiras,/ Com carrosséis nos dedos dos pés”. (N. T.)

relatividade ou o truque hindu do menino que desaparece na corda, e parecida com todas essas três coisas. É composto de mulheres que passam metade de seu tempo desperto se vangloriando de ser descendentes dos sediciosos colonos americanos de 1776, e a outra e mais fervorosa metade atacando todos os contemporâneos que acreditam precisamente nos princípios pelos quais esses ancestrais lutavam.

O DAR (refletiu Doremus) se tornou tão sacrossanto, tão acima da crítica quanto a própria Igreja católica ou o Exército da Salvação. E fica isto por dizer: o grupo tem suprido risadas sonoras e inocentes aos judiciosos, uma vez que conseguiu ser tão ridículo quanto a tristemente defunta Ku Klux Klan, sem nenhuma necessidade de usar em público, como a КKK, pontudos chapéus de burro e camisolas.

Assim, se a sra. Adelaide Tarr Gimmitch foi chamada para inspirar moral militar ou para persuadir as sociedades de coral lituanas a iniciar seu programa com “Columbia, the Gem of the Ocean”, uma vez DAR, sempre DAR, e podia-se perceber isso ao escutá-la com os rotarianos de Fort Beulah nessa venturosa noite de maio.

Ela era baixa, gorducha e dona de nariz bem-feito. Seus bastos cabelos grisalhos (estava com sessenta anos, a mesma idade do editor sarcástico, Doremus Jessup) eram visíveis sob o jovial chapéu Leghorn, com aba flexível; usava vestido estampado de seda com um enorme colar de contas de cristal, e presa acima do busto maduro havia uma orquídea entre lírios-do-vale. Era toda afabilidades para com os homens presentes: contorcia-se para eles, achegava-se a eles, enquanto numa voz cheia de flauteados e calda de chocolate vertia sua oração sobre “Como vocês rapazes podem ajudar nós garotas”.

As mulheres, observou, nada haviam feito com o voto. Se ao menos os Estados Unidos tivessem dado ouvidos a ela em 1919, podia tê-los poupado de todo esse aborrecimento. Não. Certamente não. Nada de votos. Na verdade, a Mulher deve retomar seu lugar no Lar e: “Como observou aquele grande escritor e cientista, o sr. Arthur Brisbane, o que toda mulher deve fazer é gerar seis filhos”.

Nesse instante ouviu-se uma chocante e terrível interrupção.

Uma tal de Lorinda Pike, viúva de um famigerado pastor unitarista, era a gerente de uma enorme pensão no campo chamada Taverna

do Vale do Beulah. Mulher relativamente jovem, com um enganador ar de madona, olhos calmos, cabelo castanho liso repartido ao meio e voz suave muitas vezes animada por uma risada. Mas num palanque público sua voz se tornava insolente, seus olhos enchiam-se de embaraçosa fúria. Era a resmungona do povoado, a ranzinza. Vivia metendo o nariz em coisas que não eram da sua conta e nas reuniões do município criticava qualquer participação substancial em toda a região: as tarifas da companhia elétrica, os salários dos professores da escola, a magnânima censura de livros feita pela Associação de Ministros para a biblioteca pública. Agora, nesse momento em que tudo deveria ter sido apenas Patuscada e Alegria, a sra. Lorinda Pike quebrava o encanto, escarnecendo:

“Três vivas para Brisbane! Mas e se a pobre moçoila não puder laçar um homem? Deve ter seis filhos fora do casamento?”

Então o velho cavalo de guerra, Gimmitch, veterano de uma centena de campanhas contra os Vermelhos subversivos, treinado para expor ao ridículo a hipocrisia de provocadores socialistas e virar sua risada contra eles, lançou-se garbosamente à contenda:

“Minha cara e boa jovem, se uma moçoila, como diz, tiver algum charme e feminilidade de verdade, não precisará ‘laçar’ um homem — encontrará uma dezena deles enfileirados diante de sua porta!” (Risadas e aplausos.)

A rufiona nada mais fizera do que mexer com as nobres paixões da sra. Gimmitch. Ela não se achegou a ninguém nesse momento. Partiu para o ataque:

“Estou lhes dizendo, meus amigos, o problema com este país é haver tantos *egoístas*! Somos cento e vinte milhões de pessoas, com noventa e cinco por cento pensando exclusivamente *em si mesmas*, em vez de pedir ajuda e auxiliar nossos responsáveis homens de negócios a conseguirem trazer a prosperidade de volta! Todos esses sindicatos trabalhistas corruptos e interesseiros! Gananciosos! Pensando apenas em quantos salários conseguem extorquir de seu infeliz patrão, com todas as responsabilidades que este tem de suportar!

“O que este país precisa é de Disciplina! A paz é um ótimo sonho, mas às vezes talvez não passe de um sonho impossível! Não estou bem certa — ora, sei que isso vai chocar vocês, mas quero que escutem

uma mulher que vai lhes dizer a verdade nua e crua, não um monte de sentimentalidades melífluas, e não estou bem certa, mas precisamos é estar numa guerra de verdade outra vez, para aprendermos Disciplina! Não queremos todos esses intelectuais sabichões, todo esse saber livresco. Isso tudo é muito bom ao seu modo, mas acaso não passa, afinal de contas, de um brinquedinho de adultos? Não, o que todos precisamos, se este grande país pretende manter sua elevada posição entre o Congresso das Nações, é de Disciplina — Força de Vontade — Caráter!”

Virou graciosamente para o general Edgeways e riu.

“O senhor ia nos dizendo sobre como assegurar a paz, mas vamos lá, general — apenas cá entre nós, rotarianos e rotary-anas — confesse! Com sua grande experiência, o senhor não acha, honestamente, jure por Deus, que talvez — apenas talvez — quando um país pegou a febre do dinheiro, como todos os nossos sindicatos e trabalhadores, com sua propaganda para elevar o imposto de renda, de modo que os parcimoniosos e industriais paguem o preço pelos inúteis e imprudentes, então talvez, para salvar suas almas preguiçosas e lhes incutir alguma verve, quem sabe uma guerra possa ser boa coisa? Vamos lá, mostre-nos de que estofo o senhor é feito, Mon Général!”

Ela sentou de forma dramática, e o som dos aplausos foi tomando o salão como uma nuvem de penas. A multidão urrou, “Vamos, general! De pé!” e “É um blefe ou não? — o que tem aí?”, ou apenas um tolerante “Upa, general!”.

O general era baixo e redondo, e seu rosto vermelho era liso como bumbum de bebê, enfeitado por óculos com armação de ouro branco. Mas ele deu uma bufada militar e uma risada viril.

“Pois muito bem!”, gargalhou, ficando de pé, sacudindo um indicador amigável para a sra. Gimmitch, “já que as senhoras estão determinadas a arrancar os segredos de um pobre soldado combalido, acho por bem confessar que, embora abomine a guerra, existem coisas piores. Ah, minhas amigas, muito piores! Um Estado da assim dita paz, em que as organizações sindicais estão coalhadas, como que por germes da peste, de ideias insanas saídas da anarquista Rússia Vermelha! Um Estado em que professores universitários, jornalistas e famigerados escritores estão difundindo em segredo esses mesmos

ataques sediciosos contra a sublime Constituição! Um Estado em que, como resultado de uma dieta dessas drogas da mente, o Povo é frouxo, covarde, sôfrego e carece do feroz orgulho do combatente! Não, um tal Estado é muito pior do que a guerra mais monstruosa!

“Creio que parte das coisas que disse em meu discurso anterior foram um tanto óbvias e às quais costumávamos nos referir como sendo ‘da velha guarda’ quando minha brigada esteve aquartelada na Inglaterra. Quanto aos Estados Unidos nada desejarem além da paz e da liberdade de todas as complicações no estrangeiro. Não! O que eu de fato gostaria que fizéssemos é estufar o peito e bradar ao mundo: ‘Pois bem, meninos, não se preocupem com o lado moral disso. Temos poder, e o poder se justifica por si só’.

“Não admiro sem reservas tudo o que a Alemanha e a Itália fizeram, mas temos de dar a mão à palmatória, esses países têm sido honestos e realistas o suficiente para declarar às demais nações, ‘Cuidem da própria vida, por obséquio! Temos força e determinação, e quem quer que seja dotado dessas qualidades divinas tem mais do que um direito, tem o *dever* de usá-las!’. Ninguém neste vasto mundo de Deus jamais gostou de um fracote — incluindo o próprio fracote!

“E lhes trago boas-novas! Esse evangelho da força pura e agressiva está se espalhando por toda parte neste país entre a mais excelsa classe de juventude. Ora, hoje, em 1936, há menos de sete por cento de instituições acadêmicas que não contam com unidades de treinamento militar submetidas a uma disciplina tão rigorosa quanto a dos nazistas, e se ela um dia lhes foi impingida pelas autoridades, hoje são esses próprios rapazes e moças valorosos que exigem o *direito* de serem treinados nas virtudes e habilidades guerreiras — pois, escutem com atenção, as jovens, com sua instrução em enfermagem e na fabricação de máscaras de gás e coisas assim, estão se tornando tim-tim por tim-tim tão fervorosas quanto seus irmãos. E toda a classe realmente *pensante* de professores os acompanha nisso!

“Ora, aqui, nem bem três anos atrás, uma porcentagem assustadoramente ampla de estudantes era de um pacifismo gritante, sequiosos de esfaquear a própria terra nativa no escuro. Mas hoje, quando os tolos desavergonhados e os defensores do Comunismo tentam fazer reuniões pacifistas — ora, meus amigos, nos últimos cinco meses,

desde primeiro de janeiro, nada menos que setenta e seis dessas orgias exibicionistas foram invadidas por outros estudantes como eles, e nada menos que cinquenta e nove desleais estudantes Vermelhos tiveram o que pediram, recebendo uma surra tão severa que nunca mais neste país erguerão a faixa maculada de sangue do anarquismo! Esta é que é, então, meus amigos, uma BOA NOTÍCIA!”

Quando o general sentou, entre aplausos extasiados, a encrenqueira do povoado, sra. Lorinda Pike, pôs-se na mesma hora de pé e voltou a interromper aquela divina comunhão:

“Olhe aqui, sr. Edgeways, se o senhor pensa que pode se safar com esse disparate sádico sem ——”

Ela não foi além. Francis Tasbrough, proprietário da pedreira, o industrial mais graúdo de Fort Beulah, ergueu-se com ar majestoso, esticou o braço para calar Lorinda e trovejou em seu baixo de hinos anglicanos: “Um momento, por favor, minha cara senhora! Todos nós aqui, velhos conhecidos, nos acostumamos a seus princípios políticos. Mas na condição de presidente, é meu triste dever lembrá-la que o general Edgeways e a sra. Gimmitch foram convidados pelo clube para discursar, ao passo que a senhora, se me perdoa dizê-lo, não é sequer aparentada a nenhum rotariano, mas meramente convidada do reverendo Falck, que mais do que ninguém merece todo nosso respeito. Desse modo, se puder fazer a gentileza —— Ah, obrigado, madame!”.

Lorinda Pike afundara em sua cadeira com o estopim ainda a arder. Sr. Francis Tasbrough (rimava com “*low*”)* não afundou; sentou como o arcebispo de Canterbury no trono arquiépiscopal.

E Doremus Jessup ficou imediatamente de pé para apaziguar eles todos, sendo íntimo de Lorinda e tendo, desde a mais meiga meninice, acalentado coleguismo e aversão por Francis Tasbrough.

Esse Doremus Jessup, editor do *Daily Informer*, por mais que fosse um homem de negócios competente e autor de editoriais não destituídos de perspicácia e do velho despojamento típico da Nova

* *Low* (“lou”): baixo, desonesto. (N. T.)

Inglaterra, era ainda assim considerado o principal excêntrico de Fort Beulah. Era membro do conselho da escola e do conselho da biblioteca e apresentava pessoas como Oswald Garrison Villard, Norman Thomas e o almirante Byrd quando estes vinham à cidade para dar palestras.

Jessup era um homem miúdo, magricela, sorridente, curtido, com um pequeno bigode grisalho e barba curta e bem aparada — numa comunidade em que usar barba era entregar sua condição de fazendeiro, veterano da Guerra Civil ou adventista do Sétimo Dia. Os detratores de Doremus diziam que mantinha a barba apenas para bancar o “intelectual” e “diferente”, para tentar parecer “artístico”. Possivelmente tinham razão. De todo modo, ele se levantou abruptamente e murmurou:

“Bem, crianças, façamos as pazes. Minha amiga, a sra. Pike, deve estar ciente de que a liberdade de expressão se torna mera licença quando chega ao extremo de criticar o Exército, divergir do DAR e defender os direitos da Plebe. Assim, Lorinda, creio que deveria se desculpar com o general, a quem é mister sermos gratos por nos explicar o que as classes governantes do país de fato desejam. Vamos lá, então, minha amiga — ponha-se de pé e apresente suas desculpas.”

Ele baixava o rosto com severidade para Lorinda, porém Medary Cole, presidente do Rotary, perguntou-se se Doremus não estaria “brincando” com eles. Já fizera dessas antes. Sim — não — devia ter se equivocado, pois a sra. Lorinda Pike (sem se levantar) agora chilreava, “Ah, sim! Mil desculpas, general! Obrigada por seu revelador discurso!”.

O general ergueu a mão rechonchuda (com um anel maçom, e também com um anel da Academia Militar americana, nos dedos de salsicha); curvou-se como Galahad, ou um maître; bradou com masculinidade de campo de treinamento: “Isso é absolutamente desnecessário, madame, absolutamente! Nós, macacos velhos das campanhas, não nos incomodamos com uma salutar refrega. Fico feliz que alguém esteja interessado o suficiente em nossas ideias tolas para se agravar conosco, ha, ha, ha!”.

E todos riram, e a doçura reinou. O programa se encerrou com Louis Rotenstern cantando uma série de cantigas patrióticas: “Marching

through Georgia”, “Tenting on the Old Campground”, “Dixie”, “Old Black Joe”, “I’m Only a Poor Cowboy and I Know I Done Wrong”.

Louis Rotenstern era considerado por todos em Fort Beulah um “bom sujeito”, uma casta imediatamente inferior à do “verdadeiro cavalheiro das antigas”. Doremus Jessup gostava de pescar em sua companhia, e de caçar perdizes: e considerava que nenhum alfaiate da Quinta Avenida era capaz de fazer algo de mais bom gosto quando o assunto era um terno seersucker. Mas Louis era um jingo. Explicava, e com bastante frequência, que não era ele nem seu pai que haviam nascido no gueto na Polônia prussiana, mas seu avô (cujo nome, Doremus suspeitava, fora algo menos elegante e nórdico do que Rotenstern). Os heróis de bolso de Louis eram Calvin Coolidge, Leonard Wood, Dwight L. Moody e o almirante Dewey (e Dewey era natural de Vermont, regozijava-se Louis, que por sua vez nascera em Flatbush, Long Island).

Ele não era apenas cem por cento americano; extorquia quarenta por cento de juros chauvinistas em cima do capital. Sempre o ouviam dizer, “Precisamos manter todos esses estrangeiros longe do país, e refiro-me não só aos marranos, como também aos carcamanos, polacos, ciganos e chinas”. Louis estava absolutamente convencido de que se os políticos ignorantes mantivessem as mãos sujas longe dos bancos, da bolsa de valores e da carga horária dos vendedores nas lojas de departamento isso seria benéfico para todo mundo no país, que aproveitaria o aumento nos negócios, e todos (incluindo os balconistas do varejo) seriam ricos como o agacão.

Assim Louis injetou em suas melodias não apenas sua voz cantante de precentor de Bydgoszcz, como também todo seu fervor nacionalista, de modo que todo mundo se juntou ao coro, em particular a sra. Adelaide Tarr Gimmitch, com seu célebre contralto de quem anuncia os trens na estação.

O jantar se dispersou numa catarata de sons alegres de despedida, e Doremus Jessup murmurou para sua patroa, Emma, uma alma sólida, bondosa e preocupada que gostava de tricô, jogos de cartas e romances de Kathleen Norris: “Passei da conta, interrompendo daquele jeito?”.

“Ah, não, pequeno Dormouse, fez muito bem. *Gosto* de Lorinda Pike, mas por que ela *insiste* em se exhibir e expor suas tolas ideias socialistas?”

“Sua Tory danadinha!”, disse Doremus. “Não quer convidar o elefante siamês, Gimmitch, para uma bebida em casa?”

“De jeito nenhum!”, disse Emma Jessup.

E no fim, à medida que os rotarianos se separavam e se dirigiam a seus diversos automóveis, foi Frank Tasbrough quem convidou o seleteo grupo de homens, incluindo Doremus, para uma esticada em sua residência.